

METAMORFOSES

Desde a mais remota antigüidade grega, se sabe que a criatura humana é resultado do seu próprio sistema de transformações. Já Homero narra, na *Odisséia*, a incrível história dos homens de Ulisses que, enquanto seu mestre gozava dos fascínios de Circe, transformaram-se em animais, ao comerem as flores do jardim da feiticeira. Não está claro se tais transformações se deveram a propriedades mágicas das flores, ou se elas apenas libertaram processos inerentes a seus devoradores. Muito presumivelmente, os marinheiros de Ulisses padeciam da mesma instabilidade essencial que caracterizaria mais tarde os seres humanos, feitos da precária junção da alma e do corpo. Aliás, a própria teoria freudiana da libido não acrescenta, com efeito, muita novidade a esta leitura do homem e da mulher, pois apenas inverte a direção do processo, fazendo quase residir na alma a força do instinto, que tem a capacidade de transformar o corpo, através de paixões devoradoras.

São os tormentos (e os prazeres) destas transformações de mulheres e de homens que dominam a pintura, carregada de intensificações gráficas, de Ermelindo Nardin. Homens e mulheres são aí presenças físicas assediadas por suas próprias duplicações, multiplicações duendes, miasmais, fantasias delirantes, em que o próprio ser assume as figuras do seu apresentar-se, relacionar-se, ou ser objeto de relação.

Toda uma sociedade ameaça configurar-se a partir das silenciosas figuras de Nardin, mas sua comunicação ainda é feita de proximidades, ruídos, olhares, alguns gestos entre arrebatados e contidos. Há aí algo das gravuras de Marcelo Grassmann, mas neste a presentificação dos personagens se faz através do encarapamento, deformações ósseas ou ferragens adjuntadas: armaduras, com que agressivamente se defendem e se anunciam. O mundo de Grassmann participa assim da cultura, embora o tempo e o lugar sejam fantásticos e, por isso, indeterminados. O desenho, porém, reconduz ao Barroco, e a lição de Rembrandt faz-se história, ensinando a compreender humanidade sempre igual.

Ermelindo Nardin ainda não ultrapassou a esfera do orgânico que se faz mistério e psicologia, mas suas mulheres e seus homens, no seu jogo entredevorador, amarram relações, começando a produzir uma linguagem, talvez já articulando tanto sociedade como história. Por enquanto, porém, cada quadro configura um sistema de transformações poéticas, em que o ser humano se defronta, inquieto, com sua identidade, desempenho e, talvez, destino.

Carlos Scarinci
Prof. de História da Arte no Instituto de Artes da UFRGS
Diretor Cultural do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.
Outubro — 87